

Discurso no Lançamento do Livro

O TABELIÃO E O MINISTRO, A SAGA DA FAMÍLIA COELHO NA AMAZÔNIA

Porto Velho-RO, aos 12.dez.2025

Dois motivos de grande felicidade me trazem de volta às margens do caudaloso Madeira, onde se encontra gradualmente estabelecida, desde 1907, com o início da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (concluída em 7 de setembro de 1912), a hoje encantadora e moderna cidade de **Porto Velho**, fundada pelo visionário e célebre empresário estadunidense *Percival Farquar*, a Capital do próspero **Estado de Rondônia**, impulsionado por sua inegável vocação agrícola, sempre em expansão.

A primeira razão se revela agora e enche o meu coração de orgulho e comoção, com o lançamento da obra **O TABELIÃO E O MINISTRO**, contando A SAGA DA FAMÍLIA COELHO NA AMAZÔNIA, de autoria do talentoso escritor **Júlio Olivar**, membro da Academia Rondoniense de Letras, incentivado pelos cativantes e estimados amigos *Desembargador Alexandre Miguel*, do Tribunal de Justiça do Estado, Diretor da Escola da Magistratura do Estado de Rondônia, e advogados Professor *Diego Vasconcelos*, Presidente da Academia Rondoniense de Letras, e *Dr. Andrey Cavalcante*, ex-Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional de Rondônia, com apoio de outro estimado amigo o **Desembargador Raduan Miguel Filho** Presidente do Tribunal de Justiça do estado de Rondônia.

A outra motivação, assistiremos logo mais, com a posse do **Desembargador Alexandre Miguel**, na Presidência do egrégio Tribunal de Justiça do Estado de Rondônia, sucedendo seu irmão, o operoso e admirado jurista **Desembargador Raduan Miguel Filho**.

Devo iniciar agradecendo ao refinado escritor, **Júlio Olivar**, que tão habilmente elaborou o trabalho, proporcionando ao leitor um cativante

texto que o conduz facilmente a percorrer todos os capítulos, num agradável momento de lazer intelectual. Agradeço igualmente aos idealizadores dessa obra, os queridos e fraternos amigos *Desembargador Alexandre Miguel*, Professor *Diego Vasconcelos*, e *Dr. Andrey Cavalcante*, pela feliz lembrança que tiveram de resgatar e registrar para a posteridade as importantes passagens, fatos e vidas, relatadas no escrito. Estavam, muito certamente, fadadas ao esquecimento natural e gradual a que são inexoravelmente submetidas as ocorrências transmitidas por precários relatos orais, que dificilmente se transmitem às gerações vindouras.

Agora não mais! Está tudo registrado e exposto ao conhecimento.

Muito obrigado ao *Dr. Marcos Mairton da Silva*, Juiz Federal, amigo escritor de quem me vali para facilitar a necessária comunicação com o autor, durante a confecção da obra, pois encontrava-me impedido de contatos diretos em razão das dificuldades de minha agenda.

Muito obrigado, portanto, a todos os que viabilizaram o livro!

A história da **Família Coêlho na Amazônia** realmente merecia e merece ser contada.

Diz com a trajetória e os heroicos feitos e conquistas daqueles brasileiros pioneiros que, desafiando o destino, se animaram a deixar as comodidades e facilidades da agradável vida tropical no extenso e populoso litoral brasileiro, para se embrenhar na desconhecida, inóspita, inabitada e temível **Hiléia**, denominação dada à imensa e quase impenetrável floresta equatorial amazônica pelos cientistas, naturalistas e exploradores prussiano e francês, *Alexander von Humboldt* e *Aimé Bonpland*, ainda na primeira metade do século XIX.

Graças à migração daqueles corajosos e perseverantes primeiros brasileiros, em geral nordestinos, principalmente oriundos do meu amado Estado do Ceará, que se tornariam os habitantes das isoladas terras e localidades amazônicas, o Império brasileiro e, logo em seguida, nossa incipiente República puderam expandir e consolidar o derradeiro ciclo de ocupação de nossas últimas fronteiras interiores ocidentais.

Firmava-se, assim, pela obstinada luta pela vida desses estoicos pioneiros, a soberania brasileira na região, em convivência com nossos povos autóctones.

Nossa saga amazônica teve início por volta do final do último quartel do século XIX, com a desafiante vinda de nosso avô materno, o destemido patriarca **Francisco Plínio Coêlho**, conhecido como “**Seu Coêlho**”, nascido em 11 de janeiro de 1875, no Município de Camocim, no litoral cearense.

Embalado pelo promissor Ciclo da Borracha, este tangido pelo advento da Revolução Industrial, adquiriu um seringal às margens do Rio Madeira, na região de Humaitá, no sul do enorme Estado do Amazonas, despedindo-se dos pais e irmãos e deixando a cidade natal.

Embarcou num navio a vapor no Porto de Camocim, navegando pelo Atlântico norte até chegar à foz do Amazonas e ingressar nas águas da maior bacia hidrográfica do mundo, prosseguindo viagem até encontrar o afluente Madeira, donde subiu por essa hidrovía formada pelo 17º maior rio do planeta em extensão até seu destino, desembarcando no Porto de Humaitá, então elevada recentemente à categoria de cidade, em outubro de 1894.

Ali contratou capatazia suficiente para iniciar a expedição, formada por uns 40 homens, e tocou para selva em demanda de sua propriedade, começando a exploração almejada.

Porém, ao cabo de alguns meses, enfrentando chuvas torrenciais, incessante calor úmido e outras severas condições de insalubridade, contava já com poucos auxiliares. A maioria havia partido ou sucumbido a ataques de animais ferozes ou peçonhentos e, principalmente, vitimados por febre palustre, a malária transmitida por mosquitos que infestavam a região e os obrigava a trabalharem cobertos por mosquiteiros, que somente lhes liberava as mãos.

Como também contraíra a febre, teve de viajar de volta a Camocim para receber mais adequado tratamento médico. Após

recuperado, retornava a Humaitá, reiniciando seus esforços tenazes, adotando o mesmo proceder anteriormente descrito.

E tudo se repetiu por mais duas vezes. De forma e resultado iguais.

No último desses retornos curativos à terra natal, **Francisco Plínio Coêlho** veio a conhecer aquela que se tornaria nossa avó materna: a bela e jovem conterrânea **Ana Batista Ramos**, natural de Cascavel, Município também localizado no litoral do Ceará. Era muito educada, mas também conhecida pelo gênio forte que transmitiria às filhas, **Ana Amélia** (nossa Tia Anita), **Maria da Conceição** (a Tia Madeirinha) e **Iracema**, minha amada Mãe, assim como aos filhos que igualmente viria a gerar.

Casaram-se e partiram de volta ao sul do Amazonas, agora permanentemente, unindo empenhos e formando família de numerosa prole, sendo o primogênito justamente um outro de nossos homenageados, **Francisco Plínio Coêlho Filho**, chamado em família como *Padre Chiquinho* ou *Padim Chiquinho*, por ser padrinho de batismo de alguns dos próprios irmãos mais jovens.

Francisco Plínio Filho viria a ser **Prefeito de Porto Velho**, entre 1º de maio de 1932 e 9 de junho de 1933, quando faleceu precocemente, aos 32 anos de idade, possivelmente vítima de malária. É muito justamente homenageado nesta bela Capital, que deu seu nome a uma de suas ruas e, possivelmente, a outro logradouro, sua acima referida alcunha, de *Padre Chiquinho*.

Era o filho mais amado por nossa avó **Ana Ramos Coêlho** (nome adotado após o casamento). Ela disse não fazia segredo. Sofreu imensamente com a perda do jovem descendente e, quando cabia, anunciava para quem quisesse ouvir:

- "*Se colocarem todos os demais filhos num dos pratos de uma balança e o Plínio Filho, sozinho, no outro prato, este ainda pesará um pouco mais que os outros todos*".

Como revela o livro desde o título, nosso avô **Francisco Plínio Coêlho**, em período posterior, já mais ameno de suas atividades profissionais e graças à credibilidade adquirida junto à comunidade e a estudos que o tornaram guarda-livros nos seringais e, depois, reconhecido rábula e conselheiro informal regional, veio a ser nomeado, a partir de 1911, escrivão do cível e comércio e depois Tabelião de Notas e outras funções, inicialmente a título interino e depois vitalício, nas Comarcas de Humaitá (titular em 1929) e de Manicoré (em 1939).

Minha inesquecível Mãe, **Iracema Coêlho Araújo**, nascida em Humaitá, aos 24 de dezembro de 1924, recentemente falecida aos 100 anos e oito meses de idade, em agosto do corrente ano, era a filha caçula do casal. Desenvolveu uma caligrafia própria e natural de letras belíssimas, apreendida desde menina, com 12 anos de idade, ao ajudar o pai Tabelião na cuidadosa confecção de escrituras públicas lavradas a caneta-tinteiro, com o auxílio do famoso, mas agora quase esquecido, mata-borrão. Eram outros tempos, certamente. Nem existia ainda a caneta esferográfica (criada somente em 1938, pelo tipógrafo húngaro Lászio Biró), nem se usava a máquina de escrever, hoje obsoleta, superada completamente pelos eficientes teclados de computadores e celulares. Nada disso existia.

Nosso avô, **Francisco Plínio Coêlho**, gradativamente amealhou prestígio, credibilidade e respeito na região sul do Estado. Pôde acompanhar de perto as transformações ali ocorridas como decorrência do auge do Ciclo da Borracha, fazendo registros históricos valiosos e divulgando-os em publicações locais.

Plínio Coêlho tratava a esposa e filhos com muita amabilidade e consideração. Dizia que valentia em casa era covardia; valentia, se necessário, se demonstrava era na rua, com estranhos.

Percebendo a evolução social que pessoalmente alcançara por via das letras, nosso Patriarca investiu na firme orientação dos filhos, sobretudo os homens, a se dedicarem aos estudos. E teve êxito nisso também, pois todos os filhos conseguiram destaque profissional e intelectual, como advogados, executivo de empresa, professores e escritores.

A bem da verdade, um dos filhos, por ser portador do que hoje a avançada Medicina moderna classifica como uma das formas de Transtorno Global do Desenvolvimento, não conseguiu bom desempenho escolar. Mas, mesmo assim, **"Seu" Coêlho** bem que tentou.

Refiro a isso para lembrar um marcante ocorrido.

Havia em Humaitá uma escola na qual lecionava um rígido professor, afamado por ser competente, bravo, de complexão forte e dado ao emprego da famosa palmatória, como instrumento de disciplina e persuasão do aluno.

Nosso avô teve com ele pessoalmente, antes de matricular os filhos. Fez o seguinte pedido:

- Professor, conheço sua competência e rigor e venho matricular meus filhos. Peço dispense atenção e tratamento especial a apenas um deles, pois não podemos cobrar dele resultados. Se aprender a lição, ótimo, senão também ótimo, mas, encareço, não use a palmatória com este. Com os demais, proceda normalmente.

Acontece que, dias depois, aquela criança chega em casa aos prantos, buscando o colo da mãe e reportando ter sido severamente punido com a palmatória do rigoroso professor. Ao tomar conhecimento da ocorrência, **"Seu" Coêlho** imediatamente partiu para o local em que sabia encontraria o agressor. Ao encontrá-lo, lembrou o diálogo, pediu satisfação e ouviu daquele:

- Só sei ensinar assim. É o meu método! Não vou mudar!

Ao que o pai indignado bradou:

- Pois eu lhe preveni antes para não encostar a palmatória na criança. Você bate em menino, gente pequena! É covarde e agora vai apanhar de homem adulto.

Aplicou, então, uma surra no ofensor do filho indefeso, fato comentado em toda a cidade.

À medida que os filhos cresciam, vovô estimulava-os ainda para a vida política. Colheu êxito igualmente, pois, além do já referido primogênito prefeito, dois outros filhos atingiram projeção nacional nessa seara.

Com efeito, aquele nascido em Humaitá, aos 21 de fevereiro de 1920, **Plínio Ramos Coêlho**, foi advogado, jornalista, escritor, Professor Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Amazonas, e tornar-se-ia uma das maiores lideranças políticas do Estado do Amazonas em todos os tempos, vindo a se eleger, sucessivamente, Deputado Estadual, Deputado Federal, e, finalmente, Governador do Estado por duas vezes, pelo Partido Trabalhista Brasileiro - PTB (de 1955 a 1959 e de 1963 até ser cassado em 1964).

Já o nascido em Humaitá, aos 23 de agosto de 1918, **Paulo Ramos Coêlho**, foi contabilista, advogado, executivo do Lloyd Brasileiro e político. Elegeu-se Deputado Estadual, Senador da República e Deputado Federal, tendo falecido nessa condição, em Brasília, aos 30 de junho de 1968, em decorrência de acidente automobilístico.

Como se vê, há muito o que contar sobre a **Saga da Família Coêlho na Amazônia**. Afinal, a história contada nesse livro, impulsionada pelo talento da mágica pena de **Júlio Olivar**, retrata paralelamente a história recente da própria Região Amazônica e do País, que tanto amamos e ansiamos conhecer, ao longo dos séculos XIX e XX.

Traz o relato sobre as lutas de nosso povo pela ocupação do território, sobre a riqueza gerada pelo ciclo da borracha, com sua ascensão e decadência, sobre a busca de novos rumos, a evolução política e social. É a história de um Brasil profundo, que nos ajuda a projetar o futuro e nos estimula a sempre amar mais a nossa gente e a nossa Pátria.

Finalizando, em nome dos **familiares Coêlho**, aqui representados não apenas por mim, mas também pelo querido primo **Plínio César Albuquerque Coêlho**, acompanhado de seu dileto filho **Bernardo Fernandes Coêlho**, respectivamente, neto e bisneto do Tabelião e filho e neto do Ex-Governador do Estado do Amazonas **Plínio Ramos Coêlho**, todos nós sensivelmente tocados nesta emocionante

cerimônia, torno a render graças ao colendo **Tribunal de Justiça do Estado do Rondônia e sua Escola da Magistratura** e a seus dignos membros, juízes, juízas e servidores, ao tempo que, estimulados e reconhecidos, renovamos nossos inabaláveis e perenes compromissos para com a Justiça e nosso revigorado entusiasmo em bem servir à coletividade e ao Brasil.

Agradeço às dignas elevadas autoridades que engrandecem esta sessão com o prestígio de suas presenças, fazendo especial menção aos queridos parentes e aos fraternos amigos, a todos que, com sacrifício de suas atividades profissionais e compromissos pessoais, comparecem para nos assistirem e trazerem suas afetuosas atenções, prestigiando e tornando mais rico este lançamento literário.

Muito obrigado ao autor e aos idealizadores da obra, aos quais seremos sempre agradecidos!

Desejando a todos Feliz Natal e um Ano Novo de muita saúde, realizações e felicidades, sob as bênçãos de Nosso Senhor, encerro com o nosso mais comovido

Muito Obrigado, desejando boa leitura a todos!

Ministro Raul Araújo